



DACEC Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 25/09/2020 a 01/10/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Bacharel em – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
25/09/2020	10,02	336,90	32,84	5,44	3,65
28/09/2020	9,96	332,60	33,29	5,50	3,66
29/09/2020	9,93	327,30	32,87	5,49	3,64
30/09/2020	10,23	339,70	33,37	5,78	3,79
01/10/2020	10,23	345,00	32,65	5,70	3,82
Média	10,07	336,30	33,00	5,58	3,71

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	141,00	
RS – Não Me Toque	141,00	
RS – Londrina	135,00	
PR – Cascavel	133,00	
MT – C.N.Parecis	136,50	
MS – Maracaju	152,00	CIF
GO - Rio Verde	135,00	
BA – L.E.Magalhães	130,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	68,50	CIF
Porto de Paranaguá	65,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	60,00	
SC – Rio do Sul	55,00	
PR – Cascavel	56,00	
PR – Londrina	55,50	
MT – C.N.Parecis	49,00	
MS – Maracaju	54,00	
SP – Itapetininga	62,00	
SP – Campinas	66,00	CIF
GO – Rio Verde	54,00	
GO – Jataí	54,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	59,00	
RS – Não Me Toque	59,00	
PR – Londrina	65,50	
PR – Cascavel	67,00	

Período: 30/09/2020

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 01/10/2020**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	56,35	138,57	58,35

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
01/10/2020**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	102,90
Feijão (saco 60 Kg)	225,36
Sorgo (saco 60 Kg)	41,80
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,49
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,85**
Boi gordo (Kg vivo)*	7,32

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Agosto/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago iniciaram um movimento de recuo durante a semana, pressionadas pela colheita nos EUA. O bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, chegou a bater em US\$ 9,93 no dia 29/09. Entretanto, o anúncio do relatório de estoques trimestrais, na posição 1º de setembro, reverteu a tendência e as cotações subiram a partir do dia 30/09. Com isso, o fechamento do primeiro mês cotado ficou em US\$ 10,23/bushel neste dia 1º de outubro, contra US\$ 10,00 uma semana antes.

Vale apontar que a média de setembro fechou em US\$ 9,98/bushel, ou seja, 10,4% acima da média registrada em agosto. Para comparação, a média de setembro do ano passado foi de US\$ 8,77/bushel. Ou seja, o bushel médio de soja hoje está valendo 13,8% acima do valor registrado um ano antes. O efeito da demanda chinesa explica o comportamento, pois em termos de oferta, a atual colheita estadunidense será bem melhor do que a frustrada safra passada.

O relatório de estoques surpreendeu o mercado, apesar de se esperar uma redução importante nos volumes de soja estocados nos EUA. O mesmo apontou 14,2 milhões de toneladas relativas a safra velha, uma queda de 42% sobre igual período de 2019.

Diante disso, perdeu força o fato de a colheita nos EUA ter atingido a 20% da área até o dia 27/09, superando a média histórica que é de 15% nesta época, e as cotações subiram novamente. Das lavouras a serem colhidas, 64% estavam entre boas a excelentes, 32% regulares e 13% entre ruins a muito ruins.

Tudo indica que, precipitado os números do relatório de estoque, o mercado voltará a sofrer pressão baixista devido a colheita estadunidense, especialmente se a China diminuir seu ritmo de compras.

Por sua vez, na semana encerrada em 24 de setembro, as exportações estadunidenses de soja ficaram em 1,21 milhão de toneladas, ou seja, dentro do esperado pelo mercado. No total do atual ano comercial, iniciado em 1º de setembro, o volume exportado chega a 4,8 milhões de toneladas, isto é, 53,7% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, na Argentina informa-se que a área com soja deverá aumentar em 100.000 hectares, atingindo um total de 17,2 milhões de hectares. A questão agora passa a ser o clima, pois as chuvas estão escassas e isso tende a atrasar a semeadura da oleaginosa logo mais. A Argentina igualmente deverá ser atingida pelo fenômeno La Niña nesta primavera/verão.

No Brasil, com Chicago batendo nos US\$ 10,00/bushel, os prêmios se mantendo elevados, diante da escassez de produto para exportação, e novamente um Real perto dos R\$ 5,70 por dólar, os preços voltaram a subir. A média gaúcha no balcão bateu em R\$ 138,57/saco, enquanto no Paraná o produto ficou entre R\$ 133,00 e R\$ 135,00; em Campo Novo do Parecis (MT) em R\$ 136,50; o CIF Maracaju (MS) chegou a R\$ 152,00; em Luís Eduardo Magalhães (BA) R\$ 130,00; e em Rio Verde (GO) o saco de soja fechou na média de R\$ 135,00.

Em Paranaguá, porto do Paraná, a soja, ao ser negociada em R\$ 132,80/saco no dia 21/09, além de bater o recorde nominal de preços, se aproximou do recorde real que é de R\$ 139,20/saco, registrado em setembro de 2012, em valores de hoje.

Como tais preços são excepcionais, espera-se um recuo destes preços para o início da nova colheita, a partir de fevereiro, dependendo do volume de safra que o Brasil irá colher. Por enquanto projeta-se um recorde histórico entre 131 e 133 milhões de toneladas, porém, o clima seco no momento está atrasando o plantio no Centro-Oeste e no Paraná, assim como pode comprometer o desempenho das lavouras no futuro caso o fenômeno La Niña se confirme de maneira mais acentuada. Neste caso, associado a uma indefinição cambial (embora nossa moeda precise se valorizar em relação ao que aí está), pode segurar os preços da soja em preços elevados mesmo na colheita.

Cientes dessa realidade, os produtores aceleram as vendas antecipadas, porém, não podendo se descuidar dos volumes comprometidos no futuro, pois uma frustração de safra, mesmo que parcial, pode colocar muitos em dificuldades para honrarem os contratos assumidos. Dito isso, muitos produtores estão já negociando antecipadamente a safra de 2021/22, ou seja, aquela que será semeada apenas a partir de setembro do próximo ano.

Enquanto isso, o plantio da atual safra chegou a apenas 0,75% no Mato Grosso, neste final de setembro, estando atrasado devido a falta de chuvas. Em algumas regiões não chove adequadamente há mais de seis meses. A média histórica de plantio para o final de setembro é perto de 3% da área. (cf. Imea) Ao mesmo tempo, o plantio de soja no Brasil, até o último final de semana de setembro, chegava igualmente a 0,7% da área esperada, estando um pouco abaixo do ritmo do ano passado, sendo que o Paraná alcançava 3% da área, porém, tendo que parar o processo por falta de chuva. (Cf. AgRural) No ano passado, nesta época, o Paraná já havia semeado 10% de sua área de soja. Este Estado espera colher 20,4 milhões de toneladas nesta nova safra. (cf. Deral)

Por sua vez, com a China recompondo seu plantel suinícola, após o auge da peste suína africana em 2018/19, espera-se que as importações de soja por parte do país asiático continuem firmes no próximo ano. Apenas em agosto 2.030 novas propriedades de suínos voltaram a operar naquele país. Esse movimento geral explica a forte demanda externa chinesa por soja e milho no corrente ano, ajudando a puxar para cima os preços da oleaginosa via melhores prêmios nos portos.

Enfim, como alertado e não poderia deixar de ser, os preços internos do óleo de soja dispararam no Brasil. Os mesmos estão no maior nível desde dezembro de 2002. A forte demanda, tanto interna quanto externa, e a baixa disponibilidade devido ao esmagamento diminuto pela falta de soja, estão na origem do processo.

Assim, no final de setembro a tonelada média do óleo de soja, incluindo ICMS, valia R\$ 6.318,29 (a preços de hoje, o melhor preço foi em dezembro de 2002 quando a tonelada atingiu a R\$ 7.102,20). (cf. Cepea/Esalq) E ainda há cerca de quatro meses pela frente até a entrada da nova safra brasileira.

Neste contexto, teria havido uma mudança na composição da receita gerada pela indústria de soja. Normalmente, esta receita estava ligada a 70% com o farelo e 30% com o óleo, porém, neste ano a participação do óleo subiu para até 42%, algo que não ocorria desde maio de 2012. O Brasil deverá exportar um milhão de toneladas de óleo de soja neste ano, mais de três vezes o volume estimado inicialmente. A produção brasileira total de óleo de soja, incluindo o oriundo da soja importada, deverá atingir a 8,96 milhões de toneladas, sendo o maior nível desde 2007. Mesmo assim, os estoques finais do produto em 2020 ficariam em apenas 48.000 toneladas, o menor patamar histórico. Com isso, a pressão de alta nos preços do óleo de soja no varejo brasileiro deverá continuar.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago subiram nesta semana, fechando a quinta-feira (01/10) em US\$ 3,82/bushel, contra US\$ 3,63 uma semana antes. A média de setembro fechou em US\$ 3,62, o que significou 11,4% acima da média de agosto. Lembrando que um ano antes, em setembro de 2019, a média havia sido de US\$ 3,62, ou seja, exatamente o mesmo valor da média de setembro de 2020.

O relatório de estoques trimestrais, na posição 1º de setembro, indicou um total de 50,8 milhões de toneladas, ou seja, um recuo de 10% sobre o volume registrado na mesma posição em 2019. Um volume que já estava praticamente precificado pelo mercado.

Quanto as exportações, os EUA teriam embarcado 806.639 toneladas na semana anterior, com aumento de 5% sobre a semana precedente. O volume ficou dentro do esperado pelo mercado. No atual ano comercial, iniciado em 1º de setembro, o país já exportou 2,78 milhões de toneladas, isto é, 79,3% acima do embarcado no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, a colheita da safra nova do cereal chegava a 15% da área até o dia 27/09, estando um pouco abaixo dos 16% da média histórica. Das lavouras a colher, 61% estavam entre boas a excelentes naquela data, outras 25% estavam regulares e 14% ficavam entre ruins a muito ruins.

Aqui no Brasil, os preços do cereal voltaram a subir nesta virada de mês. O indicador da Esalq/B3, que já havia acumulado alta de 17% em agosto, subiu novamente em setembro, fechando o mês em R\$ 63,63/saco base CIF Campinas (SP).

No mercado gaúcho, o balcão fechou a semana na média de R\$ 56,35/saco, enquanto nas demais praças os valores assim ficaram: R\$ 55,00 na região central de Santa Catarina; R\$ 56,00 em Cascavel (PR); R\$ 55,50 em Londrina (PR); R\$ 49,00 em Campo Novo do Parecis (MT); R\$ 54,00 em Maracaju (MS); R\$ 62,00 em Itapetininga (SP) e R\$ 66,00 no CIF Campinas; R\$ 54,00/saco em Rio Verde e Jataí, Goiás.

Na B3, a quinta-feira (01/10) iniciou com o vencimento novembro valendo R\$ 66,45/saco, janeiro R\$ 66,65, março com R\$ 66,45 e maio em R\$ 62,85/saco.

Dito isso, no Mato Grosso o preço médio do saco de milho, para a safra 2020/21 está em R\$ 34,44, sendo que o produtor precisará de 54,09 sacos para cada tonelada de fertilizante. No ano anterior foi preciso 68,92 sacos por uma tonelada. Assim, mesmo com o recuo no preço do produto, a relação milho x fertilizante irá melhorar neste Estado. Isso se deve muito ao fato de que os produtores, pela primeira vez na história, adiantaram a fixação dos custos para a próxima safra. Os preços disponíveis em 2020 tiveram uma valorização de 255,8% em comparação a setembro de 2017 e 107,1% em relação a 2019. (cf. Imea)

Já no Paraná, a colheita da safrinha se encerrou, enquanto o plantio da nova safra de verão atingia a 40% da área esperada. (cf. Deral)

No Mato Grosso do Sul, com cinco semanas de atraso, finalmente a colheita da safrinha foi encerrada neste final de setembro. A produção final teria ficado em 8,65 milhões de toneladas, com produtividade média de 76 sacos/hectare. A comercialização da safra atingia a 65% do total no final de setembro, contra 54% na mesma época de 2019. O preço médio do milho neste Estado, no final de setembro, estava 71% acima da média de um ano antes. (cf. Famasul)

É bom lembrar que, tanto no milho quanto na soja, os excelentes preços atuais não estão sendo obtidos pela maioria dos produtores, os quais já venderam suas safras meses antes. Todavia, na maioria dos casos, em termos médios, as vendas deste ano foram muito melhores em preço do que as do ano passado.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago voltaram a subir nesta semana, fechando a quinta-feira (01/10) em US\$ 5,70/bushel, contra US\$ 5,49 uma semana antes. A média de setembro fechou em US\$ 5,48, ficando 6,6% acima da média de agosto. Um ano antes, em setembro de 2019, a média havia sido de US\$ 4,79/bushel.

O relatório de estoques trimestrais, na posição 1º de setembro, anunciado neste último dia 30/09, apontou para um recuo de 8% no total estocado em trigo nos EUA, em comparação ao mesmo período de 2019. Tais estoques seriam de 58,8 milhões de toneladas

Paralelamente, os EUA embarcaram 563.427 toneladas de trigo na semana encerrada em 24/09, ficando o volume dentro do esperado pelo mercado. No atual ano comercial o país já exportou 9,2 milhões de toneladas, ou seja, 8,2% acima do volume de igual período do ano anterior. Na semana do 17/09 as exportações tinham chegado a 351.200 toneladas para o ano 2020/21. Os principais compradores do trigo estadunidense são a Coreia do Sul, o Vietnã, o Japão, as Filipinas e a Nigéria.

Aqui no Brasil, os preços se mantêm elevados. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 58,35/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 65,50 e R\$ 67,00/saco. A colheita do trigo avança no Paraná, tendo chegado a 63% da área, porém, a falta de chuva deve prejudicar a qualidade de boa parte das lavouras ainda a colher, reduzindo mais o volume final após os estragos provocados pelas geadas de agosto. No Rio Grande do Sul, onde a falta de chuvas e o forte calor provocam ainda

perdas, após as geadas e granizo terem provocado cerca de 30% a 40% de prejuízos, a produção final será bem menor do que as 3 milhões de toneladas que o otimismo exagerado anunciava no início do plantio. Algumas chuvas beneficiaram certas regiões produtoras, porém, ainda estão longe de serem ideais.

Segundo a Emater, em 24/09 cerca de 53% das lavouras gaúchas estavam na fase de enchimento de grãos e 9% em maturação. O forte calor vem provocando o surgimento de doenças nas lavouras locais.

Da forma como o quadro se apresenta, possivelmente os preços do trigo nacional não cederão muito. Especialmente agora em que as importações voltaram a encarecer devido a nova desvalorização do Real neste final de setembro.